

SITUACIONALIDADE DOS CORPOS EM NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIA: EMERGÊNCIAS E (RE)EXISTÊNCIAS

SITUATIONALITY OF BODIES IN EXPERIENCE NARRATIVES: EMERGENCIES AND (RE)EXISTENCES

SITUACIONALIDAD DE LOS CUERPOS EN NARRATIVAS DE EXPERIENCIA: EMERGENCIAS Y (RE)EXISTENCIAS

Mayara de Oliveira Nogueira (UFES – FAPES/CAPES)
nogueiradv@hotmail.com

Renata Martins Amaral (PUC-RJ)
martinsamaralrenata@gmail.com

Resumo

A vida social experienciada em situações espontâneas e institucionais em contexto presencial é o mote central deste trabalho, o qual lança seu olhar sobre os modos como o corpo é construído no *aqui* e no *agora* da interação. Ancoramo-nos na perspectiva interacional de se compreender o fenômeno da linguagem em diferentes contextos. Primeiramente, nos voltamos para a emergência das narrativas em fala-em-interação em um almoço entre advogados que militam na chamada “Faixa de Gaza” capixaba e cuja prática advocatícia se volta exclusivamente para a tutela de direitos trabalhistas e previdenciários dos membros daquela comunidade. O segundo foco do trabalho corresponde a uma narrativa de experiência construída por uma mulher com câncer de mama durante um evento acadêmico em que se apresentava dados de pesquisa que apontavam a participante como uma das protagonistas. Com o aporte teórico da Análise da Narrativa, compreendemos que corpos e identidades são formados na performance linguística, isto é, em movimentos narrativos e discursivos nos quais subjetividades são criadas e sedimentadas. De cunho etnográfico e natureza qualitativa, o presente estudo observou com a análise dos dados que em contextos e situações variadas a produção de inteligibilidades sobre corpos desviantes e práticas discursivas de agência e microrresistências organizam a vida e a experiência cotidiana de acordo com referências macrosociológicas.

Palavras-chave: Narrativa, agência, corpo, micropolítica.

Abstract

The social life experienced in spontaneous and institutional situations in face-to-face contexts is the central motto of this work, which looks at the ways in which the body is constructed in the here-and-now interactions. We anchor the research in the interactional perspective of understanding the phenomenon of language in different contexts. First, we examine the emergence of narratives of speech-in-interaction at a lunch meeting of lawyers who militate in the area called “The Gaza Strip” from Espírito Santo. Their legal practices focus exclusively on the protection of labor and social security rights of the community members. Second, we analyze an experience narrative built by a woman with breast cancer during an academic event. The research data presented indicate that the participant was one of the protagonists. With the theoretical contribution of Narrative Analysis, we understand that bodies and identities are formed in linguistic performance, that is, in narrative and discursive movements in which subjectivities are created and sedimented. Of an ethnographic nature and qualitative nature, the present study observed with the analysis of the data that in varied contexts and situations



the production of intelligibilities about deviant bodies and agency and micro-resistance discursive practices (PINTO; FABRÍCIO, 2013) organize life and everyday experience according to macrosociological references.

Keywords: Narrative, agency, body, micropolitics.

Resumén

La vida social experimentada en situaciones espontáneas e institucionales en contexto presencial es el lema central de este trabajo, que analiza las formas en que se construye el cuerpo en el aquí y ahora de la interacción. Nos anclamos en la perspectiva interactiva de comprender el fenómeno del lenguaje y recurrimos a la aparición de narrativas en el discurso en interacción en un almuerzo entre abogados que trabajan en la llamada Franja de Espíritu Santo Gaza y cuya práctica legal se centra exclusivamente en la tutela derechos laborales y de seguridad social de los miembros de esa comunidad; y en una experiencia narrativa construida por una mujer con cáncer de seno durante un evento académico en el que se presentaron datos de investigación en los que la participante fue una de las protagonistas. Con la contribución teórica del análisis narrativo, entendemos que los cuerpos y las identidades se forman en el desempeño lingüístico, es decir, en movimientos narrativos y discursivos en los que las subjetividades se crean y sedimentan. De naturaleza etnográfica y cualitativa, el presente estudio observó con el análisis de los datos que en diversos contextos y situaciones, la producción de inteligibilidad sobre cuerpos desviados y prácticas discursivas de agencia y micro-resistencia organizan la vida y la experiencia diaria de acuerdo con referencias macrosociológicas.

Palabras clave: narrativa, agencia, cuerpo, micropolítica.

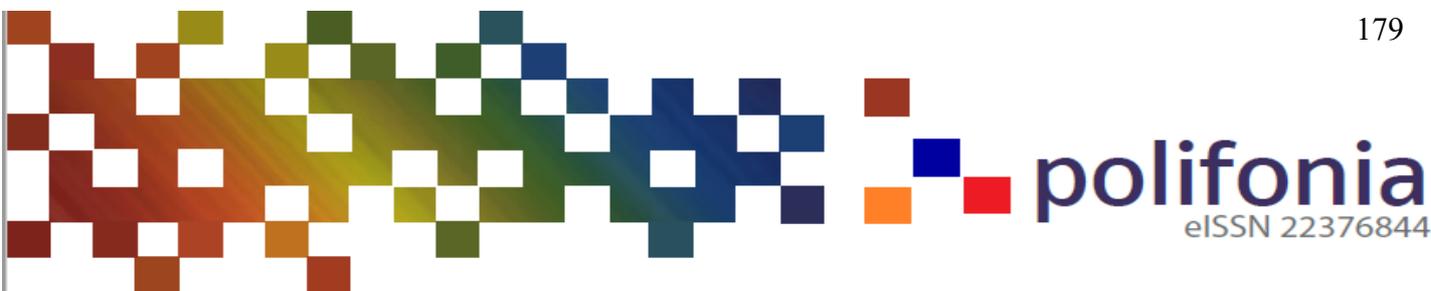
Primeiras palavras

O corpo é uma situação.

(Judith Butler sobre Simone de Beauvoir)

Joana Plaza Pinto e Branca Falabella Fabrício (2013, p. 13) nos lembram que “é em nossa atividade discursiva diária que inventamos e fazemos dizer e agir os padrões de inteligibilidade e não inteligibilidade de nossa experiência social”. É justamente sobre *atividades* de nossa vida social que aqui nos debruçaremos, isto é, em situações de fala em contexto institucional e não-institucional. Observaremos aqui como o corpo é compreendido em interações entre colegas de trabalho que atuam em escritório de advocacia localizado na “Faixa de Gaza” capixaba durante um almoço, dentre os quais uma das autoras deste trabalho; e entre uma participante de pesquisa e sua audiência em evento de divulgação científica, dimensionando assim constrangimentos institucionais e possibilidades de agenciamento.

Vale destacar que esse espaço de conflito urbano se localiza na região metropolitana da Grande Vitória, mais especificamente no município de Vila Velha, e diz respeito a uma espécie de “estreito divisor” entre os bairros de Santa Rita e Primeiro de Maio – bairros esses



com uma das maiores taxas de crimes letais contra a pessoa (MATTOS, 2013). Tais crimes são fruto da chamada “guerra às drogas”, em que se observa a truculência da ação policial no local. Esse elevado número também é, a um só tempo, fruto da disputa local entre grupos rivais pelo domínio do tráfico. Como se trata de um escritório de advocacia situado em um local extremamente particular, matérias de Direito Criminal não são atendidas pelos advogados que lá militam por, dentre outras razões, uma questão de afastamento-distanciamento. O grupo, então, advoga em favor dos membros da comunidade exclusivamente em causas trabalhistas e previdenciárias – e, portanto, em matérias não atendidas pela Defensoria Pública por uma questão de ausência competência jurídica.

Como sujeitos de linguagem que somos, organizamos discursivamente nossas vivências e experiências fundamentalmente em nossas interações sociais e nas narrativas que co-produzimos. São nesses espaços ordinários situados em uma sócio-história que os constructos sociais são (re)produzidos e (re)significados, dentre eles a compreensão do *corpo* não apenas como um objeto de contornos físico-anatômicos, mas como uma instância (re)produzida em “performances contínuas de reivindicação identitária materializadas no uso linguístico” (BONFIM, 2016, p. 17).

Nesse sentido, considerando que a linguagem fundamentalmente coonstrói e fabrica realidades, no presente trabalho privilegiamos uma análise discursivo-interacional focada nos micromovimentos da interação e da narrativa para compreender as relações entre linguagem e sociedade, mais especificamente para o entendimento de práticas performáticas de significação e sujeitos nela envolvidos, sujeitos esses que (re)produzem subjetividades relacionais na fala-em-interação.

Partindo desse horizonte, isto é, dos pressupostos sociointeracionais em interface com a Análise da Narrativa (BASTOS; BIAR, 2015), observaremos “microscopicamente” (PINTO; FABRÍCIO, 2013) os processos de produção de coerência e de significação do *corpo* enquanto uma construção social que emerge e se (re)produz em performances identitário-discursivas, uma vez que segundo essa perspectiva a instauração do corpo se estabelece em performances narrativas localmente situadas.

Tendo em vista que não existe um vácuo social e que por esta razão os corpos se inserem em um *aqui* e *agora*, nas seções que se seguem discorreremos sobre a

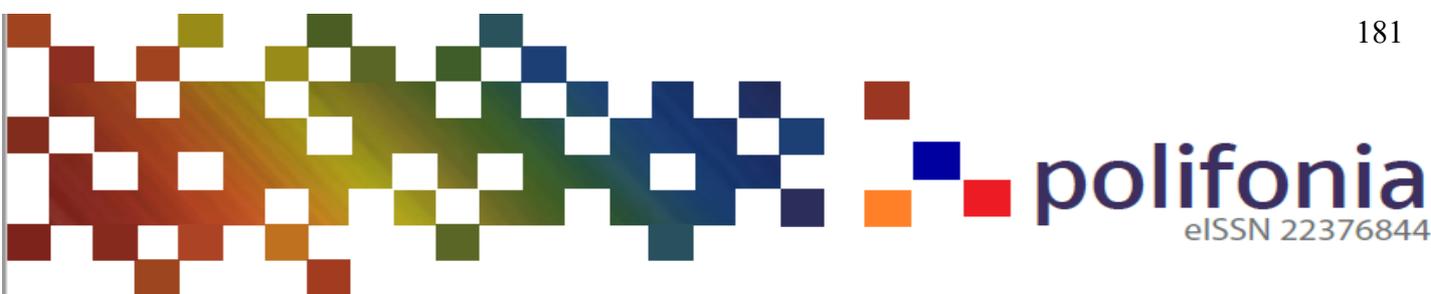


situacionalidade dos corpos e como as abordagens sociointeracionais da linguagem apreendem essa relação. Em sequência, traçaremos pontos centrais da Análise da Narrativa, campo teórico sobre o qual esse trabalho se sustenta, desde a virada narrativa e seu florescimento nos anos 1980 até os estudos discursivo-narrativos contemporâneos; e discorreremos sobre o posicionamento epistemológico e metodológico sobre o qual embasamos este trabalho de caráter eminentemente qualitativo e, por isso mesmo, interpretativista (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Após a incursão teórica e metodológica traçada, passaremos a analisar dados gerados em contextos distintos, mas que se direcionam e têm como mote a inscrição e emergência do corpo em narrativas orais de experiência pessoal e vicária. Cremos que é justamente esse olhar analítico para a pluralidade de contextos e situações comunicativas um dos ganhos teóricos deste estudo - ganhos esses que serão discutidos em considerações finais.

Corpo e situacionalidade

Erving Goffman, um dos teóricos seminais dos estudos de perspectiva sociointeracional, sustenta em *The Neglected Situation* que linguistas, sociólogos e antropólogos devem observar e examinar a situação social engendrada na comunicação face a face, fenômeno até então pouco estudado. O que se levará em conta neste tipo de abordagem não são os atributos da estrutura social, mas “os valores agregados a esses atributos na forma em que são reconhecidos na situação imediata, enquanto ela acontece”, entretanto, não se pode perder de vista que “apesar de o substrato de um gesto derivar do corpo de quem o executa, a forma do gesto pode ser intimamente determinada pela órbita microecológica na qual o falante se encontra” (GOFFMAN, [1964]2002, p. 13). Nessa proposta interacional, então, pressupostos epistemológicos darão conta das situacionalidades da vida social e problematizarão a dinâmica sociointeracional dos significados no mundo, dando relevo à natureza situada, social, constitutiva e dialógica do discurso, bem como os efeitos dos agenciamentos dessas redes simbólicas que (re)criam padrões sociais e (re)produzindo efeitos de saber, poder e subjetividade (GUIMARÃES, 2009).



Boaventura de Sousa Santos (2010) sustenta que o discurso das ciências humanas e sociais é um discurso sobre a vida social ou sobre as pessoas no mundo social, o que implicaria pensar a produção de conhecimento e a política com um interesse de se “fazer alguma coisa no mundo social como ato performativo que é” (MOITA LOPES, 2013, p. 233). Considerando que este trabalho se insere no referido campo de conhecimento e considerando ainda que as viradas linguísticas dizem respeito ao reconhecimento da linguagem como fator comum na organização da vida social e dos significados que nos constroem como seres humanos (PENNYCOOK, 2006), o presente trabalho se insere epistemologicamente nas *viradas narrativa e performativa* que reconhecem as identidades como construtos performados (GUIMARÃES, 2009). Em tais viradas são trazidas à tona “não as grandes narrativas, mas as pequenas histórias dos entrelugares da vida social, que, de longe da significância estatística, podem apresentar alternativas para nosso presente, adiantando o futuro”, tornando-se “decisivas para uma vida social mais justa e ética” (MOITA LOPES, 2013, p. 233).

A primeira virada a que nos referimos, conhecida como *virada narrativa*, corresponde à tendência de, nas ciências sociais, se questionar o estatuto até então objetivo das descrições etnográficas de diferentes grupos sociais (BASTOS; BIAR, 2015). Tal postura epistêmica assume que o “conhecimento produzido em campo é sempre produzido por um pesquisador, ele próprio um ator social, que, pelas lentes de suas próprias condições identitárias e contextuais, olha seu objeto de uma determinada perspectiva, e constrói sobre o campo de pesquisa uma narrativa única” (*ibid.*, p. 101). Trata-se, assim, de uma mudança paradigmática do Positivismo ao Interpretativismo (DENZIN; LINCOLN, 2006) em que se desloca a ideia de isenção e distanciamento defendida pela metodologia positivista e se assume uma nova postura, a qual reconhece a participação do pesquisador na construção das narrativas. Estamos, pois, diante de uma imbricação entre a epistemologia construcionista e o compromisso social e político dos estudos da linguagem contemporânea.

A segunda virada a que nos referimos, conhecida como *virada performativa*, remonta às formulações de Austin (1990) sobre os Atos de Fala e sua divisão entre atos constatativos e atos performativos. O primeiro grupo de atos verificariam, descreveriam ou constatariam uma realidade, ao passo que o segundo grupo criaria novos estados no mundo das coisas.

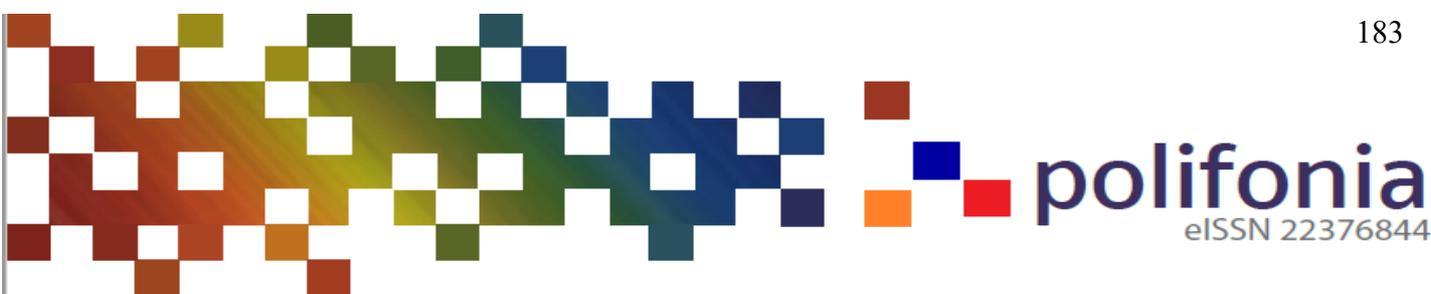


Posteriormente assume-se uma visão de linguagem radicalmente performativa, em que a própria linguagem é compreendida como performativa, trazendo “à tona a ideia de que todos os enunciados, todos os atos de fala, tudo o que dizemos *faz*” (PINTO, 2007, p. 02, grifos nossos).

É nesse sentido que as teorias de gênero e *queer* (BUTLER, 2015; LOURO, 2018) defendem que enunciados como “é uma menina” não é um ato constatativo, mas um ato performativo na medida em que observadas as condições de felicidade (ser proferida por um médico em consulta pré-natal, por exemplo), a interpelação médica “faz passar um menino ou uma menina da categoria de ‘bebê’ à de ‘menino’ ou ‘menina’, fazendo com isso que a menina se ‘feminize’ mediante tal denominação. A interpelação de gênero introduz a menina no terreno da linguagem” (BUTLER, 2015, p. 25). Daí porque Anna Livia e Kira Hall ([1967] 2010), no clássico “*É uma menina!*”: *a volta da performatividade à linguística*, nos mostram como a teoria *queer* retoma a noção de performance e radicaliza seu uso.

Embora essa noção de performance butleriana tenha inicialmente se voltado para práticas identitárias de gênero e sexualidade, suas formulações hoje contribuem para estudos que tematizam “outras categorias de conhecimento que contribuem com a manutenção de relações de poder desiguais: a raça, a religião, a nacionalidade, a idade e a classe” (SPARGO, 2004, p. 81). É nesse sentido, que considerado o fator de serem uma construção e observada sua inscrição social, histórica, cultural e discursiva, que se pode afirmar que raça e classe, por exemplo, são performativos. Nesse *continuum*, o corpo - objeto privilegiado de investigação deste trabalho - a partir desta visão performativa radical, é “elemento explicativo na análise das práticas identitárias” e “os atos de fala repetidos dentro de um quadro normativo rígido constituem as identidades – atos ritualizados de um corpo que fala” (PINTO, 2007, p. 01).

O recurso literal e metafórico da “viagem” (vocábulo que, de acordo com o Dicionário Aurélio, significa a ação de se deslocar de um lugar para outro; jornada; percurso; deslocamento) é usado por James Clifford (1997) para refletir sobre culturas como locais de moradia e de passagem e sobre como os *dentros* e *foras* de uma comunidade “são mantidos, policiados, subvertidos, cruzados”, possibilitando pensar a partir desses pressupostos outros deslocamentos na contemporaneidade, dentre os quais a *viagem do corpo* (LOURO, 2018, p. 14).



Em abandono a todo tipo de pressuposto da unidade do sujeito ou de um desenvolvimento linear e progressivo, Louro (2018) utiliza a imagem da viagem para potencializar os sentidos de deslocamento e trânsito/transitoriedade na pós-modernidade, partindo da premissa de que “o sujeito que viaja é, ele próprio, dividido, fragmentado e cambiante”. Percorrendo a metáfora da viagem cliffordiana a fim de refletir sobre trânsitos entre lugares/culturas e posições-de-sujeito, a autora defende que a viagem transforma o corpo, a identidade e os modos de ser e de estar no mundo, afirmando que as mudanças da viagem “podem afetar corpos e identidades em dimensões aparentemente definidas e decididas desde o nascimento (ou até antes dele)” (LOURO, 2018, p. 15). Tais mudanças vão além de sua inscrição na pele (envelhecimento) ou da aquisição de novas formas de ver o mundo e as pessoas, antes a ultrapassagem de fronteiras possui o caráter eminentemente político: uma atitude “desviante” de um sujeito tende a influenciar seus contemporâneos, no sentido de ampliar suas possibilidades de ser e viver (ZUCCHI, 2015). Como se verá mais adiante, no presente trabalho os *corpos desviantes* construídos e narrados pelos participantes driblam coações que lhes são socialmente impostas em razão de idade, classe e gênero por meio de microrresistências que visibilizam relações de poder e que operam nas ordens micro e macrossociais.

Ao tratar da viagem do corpo e dos deslocamentos de sua trajetória, Louro (2018) se volta para as fronteiras identitárias do gênero e da sexualidade e, embora não seja este o foco do presente trabalho, as ideias construídas pela pesquisadora em muito se aproxima ao que aqui buscamos demonstrar: (i) o corpo possui uma inscrição, construção e emergência discursivo-performática que vai desde o ato de fala inicial “é uma menina/menino” proferido antes mesmo de uma criança nascer e se estende aos sofrimentos de/no percurso engendrando instâncias sociais por seu proferimento (no caso, práticas e ações inaugurais de processos vinculados à masculinização ou feminização); (ii) a necessidade de compreender práticas e sujeitos que se esquivam do “percurso”, que vivem “entre lugares” e que resistem para existir (*ibidem*).

Ao tratar das ruínas circulares do debate contemporâneo, Judith Butler remonta à célebre frase de Simone de Beauvoir: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, para tratar do caráter construído do gênero. De acordo com Butler (2015) quando Beauvoir diz



claramente que *se torna* mulher, isso se daria sob uma compulsão cultural a fazê-lo e essa compulsão não viria do “sexo”.

Não há nada em sua explicação que garanta que o “ser” que se torna a mulher seja necessariamente fêmea. Se, como afirma ela, “o corpo é uma situação”, não há como recorrer a um corpo que não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais; conseqüentemente, o sexo não poderia qualificar-se como uma factividade anatômica pré-discursiva. Sem dúvida, será sempre apresentado, por definição, como tendo sido gênero desde o começo. (BUTLER, 2015, p. 29)

Estendendo o sentido performático-butleriano (SPARGO, 2004), temos que a situacionalidade dos corpos decorre justamente de sua inscrição social, histórica e cultural. Nesse sentido, raça, classe, gênero e idade são significados culturais construídos e performados na interação cotidiana, num constante diálogo entre a cultura e a sócio-história e as atividades comunicacionais localmente situadas (BLOMMAERT, 2010). Isso significa dizer que conceber a malha discursiva que tecemos sobre pessoas, objetos e situações *instaura* a realidade - tecido esse que é modulável, poroso e que permite deslizos, escapes e pontos de fuga - e cristaliza práticas sociais.

É, pois, nas práticas narrativas construídas em nosso cotidiano e nas mais distintas interações sociais que tais fatores serão observados. Por essa razão, passaremos a discutir na seção que segue a propósito da Análise da Narrativa - (in)disciplina sobre a qual esse trabalho se ergue e se sustenta.

Análise da Narrativa: da virada narrativa aos estudos discursivo-narrativos

Nos estudos de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972), os autores definem a narrativa como “um método de recapitular experiências passadas, combinando uma sequência verbal de orações com uma sequência de eventos que (infere-se) ocorreram de fato” (LABOV, 1972, p. 361). A partir dessa descrição, os autores delinearão alguns critérios para identificar a narrativa, assim como um modelo de narrativa com base em elementos que devem (obrigatórios) ou podem (opcionais) ser encontrados em sua estrutura.

O primeiro componente estrutural do modelo supracitado, o *resumo*, corresponde a um enunciado que sumariza a narrativa. Esse componente não é obrigatório. Na sequência,

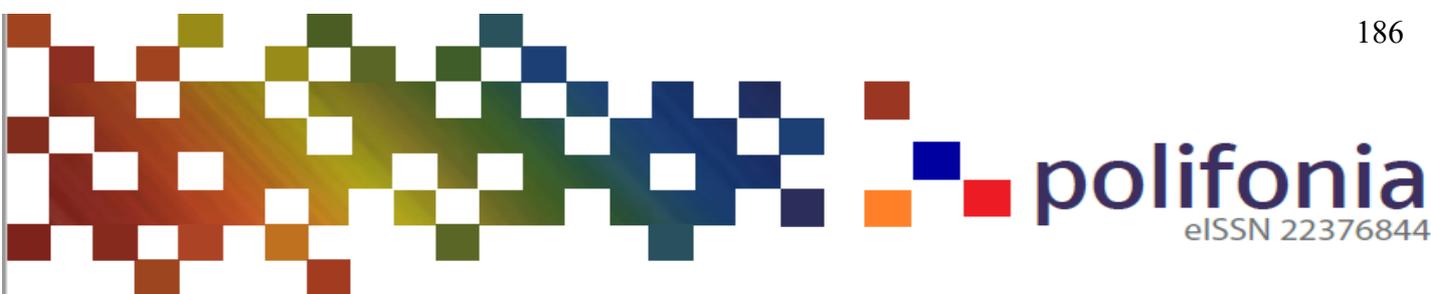


pode ocorrer a *orientação*, que contextualiza a história, indicando o tempo, o lugar, as circunstâncias e as pessoas envolvidas. A *ação complicadora*, único elemento estrutural obrigatório, corresponde à narrativa propriamente dita. Para Labov, a *avaliação* é um elemento de excepcional importância na narrativa, haja vista que ela é responsável pelas informações sobre a carga dramática e a razão de ser da narrativa, isto é, o seu ponto. Finalmente, o narrador pode indicar o fim da narrativa com o elemento chamado *coda*, que pode ter um caráter avaliativo com comentários morais sobre as ações, ou simplesmente utilizar alguma expressão que retome a conversa.

De acordo com Labov (1972), uma narrativa completa, também conhecida por narrativa canônica, é iniciada por um resumo, seguido da orientação, de uma ação complicadora, com temporárias interrupções para que ocorra o processo de avaliação. Na sequência, o narrador conclui com a resolução da narrativa e introduz a *coda*, retomando a conversa com seus interlocutores para o momento presente.

Esse modelo de análise proposto por Labov tem sido alvo de críticas, principalmente, devido ao fato de que o autor trata a narrativa como uma estrutura autônoma e descontextualizada. Há perspectivas contemporâneas sobre o estudo de narrativas menos preocupadas com a estrutura narrativa e mais voltadas à “força analítica e seu potencial como locus privilegiado para entender o mundo que nos cerca” (BASTOS, 2005, p. 77). Contudo, é inegável o fato de a abordagem proposta por Labov ter aberto caminhos para os estudos discursivo-narrativos, principalmente os que focalizam a noção de performance.

Entre as obras desenvolvidas dentro da noção de performance, central para o estudo de narrativas, o trabalho de Erving Goffman ([1959] 2013) *A apresentação do eu na vida cotidiana* tem grande expressividade e oferece muitas contribuições para esta pesquisa. A relevância de seu trabalho se deve, especialmente, ao fato de estar relacionado à performance de identidade. Nele, Goffman traz reflexões sobre o comportamento humano em situação social, utilizando a metáfora da representação teatral e partindo de princípios de caráter dramático para falar de performance. Nessa metáfora o mundo é entendido como palco “que apresenta coisas que são simulações” e o indivíduo como ator que “se apresenta sob a máscara de um personagem para personagens projetados por outros atores”. Nesse sentido,

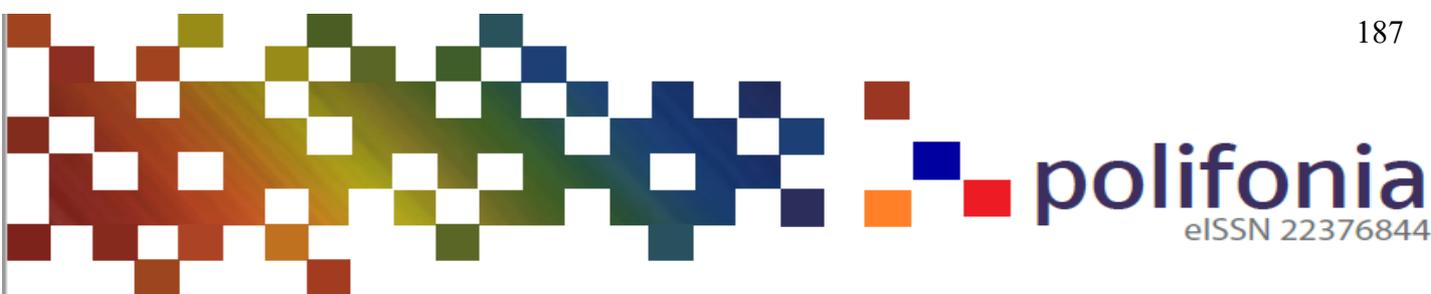


conforme Goffman, “a plateia constitui um terceiro elemento da correlação, elemento esse que é essencial” (p. 11).

Conforme sinalizado por Goffman ([1959] 2013), tanto os atores quanto a plateia são muito importantes na composição da cena, haja vista que a situação social é moldada por todos os presentes. Assim, suas identidades são construídas a partir das informações que podem ser acessadas naquela situação social específica. Tais informações sobre o indivíduo servem “para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar” (p. 13). Além disso, o conhecimento prévio de informações sobre o sujeito pode trazer, de certa forma, confiabilidade a respeito do que o indivíduo “diz de si mesmo ou em provas documentadas que exhibe, referentes a quem é e ao que é” (p. 13). Entretanto, muitos fatos estão “além do tempo e do lugar da interação” (p. 14) e, neste caso, só poderão ser verificados e avaliados como verdadeiros com base na expressividade do sujeito, isto é, sua capacidade de dar impressão. Segundo Goffman ([1959] 2013), essa expressividade pode se manifestar de dois modos, a partir da expressão que o indivíduo transmite e da expressão que ele emite.

No empreendimento de performances, Goffman ([1959] 2013) afirma ainda que ao desempenhar um papel, o indivíduo de maneira implícita demanda que seus observadores acreditem em sua impressão, isto é, acreditem em seu personagem. Em outras palavras, o sujeito solicita que haja crença no papel que ele está representando. Desse modo, o público estaria bem convencido do espetáculo que o ator encena. Sendo assim, as performances de identidade são situadas localmente, de acordo com os propósitos do ator social. Ao pensarmos nas performances identitárias em narrativas, caberá ao(s) narrador(es) estabelecer(em) os propósitos que ele(s) quer(em) projetar em sua audiência (plateia)/seus interagente(s).

Posicionamento epistemológico e metodologia



A metodologia de pesquisa eleita neste estudo situa-se dentro da abordagem qualitativa interpretativista, de natureza etnográfica em perspectiva êmica¹ (DENZIN; LINCOLN, 2006). Debruçando-nos nesse arcabouço teórico-metodológico, trataremos da situacionalidade dos corpos – objeto priorizado no presente artigo –, a partir das análises de duas narrativas que emergem nas interações em dois contextos distintos, um espontâneo não-institucional e o outro institucional (BASTOS, 2005).

O contexto espontâneo não-institucional do primeiro excerto – um segmento de pouco mais de seis minutos de interação – é um almoço entre seis profissionais do campo jurídico, todos advogados que trabalham no mesmo escritório de advocacia localizado na Faixa de Gaza capixaba. Esse almoço, com duração total de aproximadamente uma hora e meia, ocorreu durante o intervalo do segundo dia do II Congresso de Direito Previdenciário do Espírito Santo – evento em que os advogados estavam participando e cujas pistas de contextualização surgem ao longo da interação. Tais dados foram gravados em áudio com a autorização expressa de todos os participantes em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido sendo posteriormente transcritos (intervalo de 25’19’’ a 31’33’’).

Diferentemente do contexto supra descrito, o segundo excerto foi extraído de um contexto institucional, dentro de uma universidade no Rio de Janeiro. Com aproximadamente dois minutos de interação, o segmento é parte integrante da fala de uma participante de pesquisa em interlocução com sua audiência em evento de divulgação científica. Essa fala, que teve duração integral de pouco mais de cinco minutos e meio, aconteceu após o ritual de leitura da ata em uma defesa de doutoramento, quando a presidente da mesa passou a voz a uma das participantes da pesquisa. A participante, aqui e na pesquisa nomeada de Glória, se apresentou e compartilhou experiências durante sua interação com sua platéia: cinco membros da banca, a pesquisadora e cerca de vinte outros interagentes que foram assistir à defesa. Os dados foram gravados em vídeo e, posteriormente, transcritos (intervalo de 02’45’’ a 08’16’’).

Os dois excertos em análise foram transcritos com base nas convenções adaptadas e simplificadas da Análise da Conversa propostas por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), com

¹ Por perspectiva êmica entende-se aquela que não considera apenas a observação ou o ponto de vista do pesquisador externo, mas que também leva em conta o ponto de vista dos participantes da pesquisa.



incorporações de Loder e Jung (2009). Trata-se de um tipo de tratamento analítico que se ocupa das minúcias da interação e que privilegia micromovimentos como prolongamentos, hesitações, micropausas, etc.

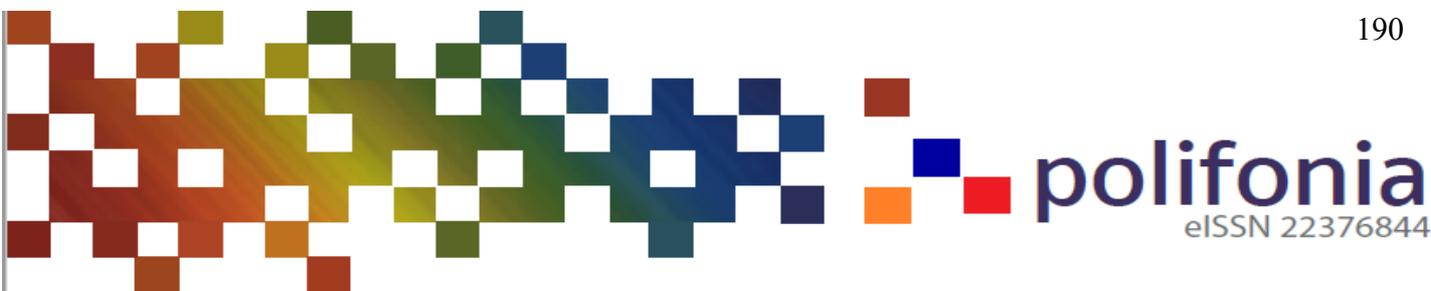
Agência, emergências e resistências: uma análise de dados em múltiplos contextos

De acordo com Sacks (1992), o mundo cotidiano requer uma análise em si mesmo, e não apenas a utilização “de um microscópio teórico criado a partir de uma terminologia abstrata ou a partir de domínios exógenos ao estudo do fenômeno em questão” (OSTERMANN, 2012, p. 37). Seguindo a advertência de Harvey Sacks, na presente seção analisaremos, em perspectiva êmica (DENZIN; LINCOLN, 2006), dois excertos em contextos interacionais distintos em que a construção de práticas de significação do corpo é observada na microanálise das interações cotidianas com vistas a contribuir para a compreensão do nível macro da vida social.

Excerto 1: ali era <diguida:de HUMANA>

85 86	Thatiana	[Mas ele não tá tão bonitinho agora?
87 88 89	João	[é a ex-mulher. (0.4) A ex mulher dele que vem de quinze em quinze dias na casa dele, tá!?
90 91 92	Thatiana	Ele chega lá no escritório assim, ó ((estende os braços e gesticula com as palmas das mãos)). Com o dinheiro assim, [ó ((gesticula)).
93	Mayara	[Nossa! Veio tudo e a carne não vem!

95 96 97 98 99 100	Thatiana	Ele embola o dinheiro todinho no com o valor do saque. "<Douto::ra>, aqui ó ((gesticula)). A senhora tira a sua parte e o fo o <resto é meu>, né!?". Ai é fo esse mês ele falou "ah, doutora, esse mês passado, como eu não tinha troca:do, faltou DOIS reais. A senhora tem que tirar DOIS reais a mais esse mês".
102	Mayara	.hh tadinho
103 104	Jader	Corta o coração da gente, né!? Eu falei ali pra uma <bi-chona> ali, o Fabrici[ano, que
105 106	João	[Jader, você chegou uns vinte ve (incompreensível)
107 108	Jader	[Eu falei "Fabriciano, como não tira o (incompreensível) do senhor disso, né!?
110	Thatiana	Corta o meu coração.
111	Jader	Não é:?
112		(.)
113	Thatiana	Ele é muito bonzinho, menina!
114	Rosângela	É, ele é sim.
115 116 117	Jader	O Luiz, né, Thatá!? Todos eles são assim. Interessante, né!? (.) E aí, Luciana!? ((sorri para ela, que retribui)) (0.7) O Luiz vai lá entregar o dinheiro ou deposita.
119 120	Thatiana	Ah, é!? (.) Tá vendo, ali era <dignida:de HUMANA> mesmo, porque o homem mudou <até o VISUAL> dele.
121	Jader	Mudou.
122	Thatiana	E é [um salariozinho mínimo.



Para fins de contextualização, o excerto acima corresponde à parte de segmento de uma interação entre advogados que almoçavam durante o intervalo de um Congresso de Direito Previdenciário ocorrido no ano de 2016. Tais advogados trabalham em escritório de advocacia localizada na conhecida “Faixa de Gaza capixaba”, uma região do município de Vila Velha/ES dominada pelo tráfico de drogas e, em consequência, local de constante embate entre policiais e traficantes entre traficantes-traficantes. O escritório em que esses advogados trabalham existe há cerca de trinta anos naquela localidade e presta serviços exclusivamente trabalhistas e previdenciários para os membros daquele grupo periférico e regiões adjacentes. Vale frisar que uma das autoras deste trabalho é advogada e pesquisadora *insider* do contexto investigado². Este dado contextual é importante para fins de análise uma vez que exclusões de ordem espacial (centro-periferia), econômica e social serão tornadas relevantes na fala dos participantes e serão indicializadas nos corpos narrados conforme se verá.

De acordo com Oliveira e Bastos (2015) as performances narrativas de experiência são entrelaçadas por *posturas morais*, posturas essas que, segundo as autoras, além de serem apresentadas como corretas se mantêm constante através da narração. Nos dados acima observamos dois tipos de movimentos de moralidade distintos: um primeiro movimento relacionado à moralização do corpo por questões econômicas (“porque o homem mudou <até o VISUAL> dele”, linha 120); e um segundo movimento ligado ao discurso heteronormativo (“Eu falei ali pra uma <bi-chona> ali, o Fabrici[ano]”, linhas 103-104). Necessário salientar que *moralização econômica* aqui se relaciona à lógica jurídica, isto é, diante de um dano (moral, físico, psíquico, etc.) há que haver uma reparação que lhe confira moralidade (leia-se: reparação pecuniária) (NOGUEIRA, 2018).

Ochs e Capps (2001) por outro lado afirmam ser possível um *hibridismo* entre as posturas morais, como quando narradores que inicialmente parecem certos de sua postura moral dispersam essa certeza ao longo da narrativa. Essa dissolução acaba por desestabilizar o *self* e, em alguma medida, desafiar o conarrador (Cf. OLIVEIRA; BASTOS, 2015). É o que se observa quando, nas linhas 107-108, Jader categoriza Fabriciano como <bichona>se

² A observação autoetnográfica se estende desde o doutoramento ao pós-doutoramento, o qual corresponde aos desdobramentos da agenda de pesquisa suscitada na tese.



valendo de marcas interacionais muito significativas, dentre elas a indeterminação inicial do sujeito (aquela), sua animalização (bichona) e a fala mais lenta quando da pronúncia do vocábulo misógino. Todos esses elementos imprimem tensões interacionais observadas pela não sustentação da postura pela participante do turno seguinte, quem ao *performarsilêncio*, não se alinha à postura moral inicial e acaba por mudar o tópico do comentário nos turnos subsequentes.

A alteração da aparência do personagem-cliente Adomar é tornada relevante nas linhas 75-76, alteração que só se dá após a *moralização econômica do corpo* advinda pelo recebimento do benefício assistencial correspondente a “um *salariozinho* mínimo”. Nota-se aqui o uso de recursos interacionais muito significativos na construção do Outro: a reiteração do diminutivo e os contornos entoacionais que sinalizam avaliações encaixadas por parte da narradora, a qual constrói relação de afeto pelo reconhecimento do sofrimento do Outro. Vale salientar que sofrimento é aqui compreendido não como um dado apriorístico, mas como um elemento situado e construído social e historicamente, de modo tal que há diversas maneiras de sofrer e tantas outras maneiras de compreender o sofrimento ainda que entre membros de uma mesma comunidade de prática. Nessa linha, de acordo com a narrativa da participante, pouco recurso financeiro foi capaz de deixar Adomar “*tão bonitinho agora*” (linhas 85 e 86) por se tratar de uma questão de “<dignida:de HUMANA> mesmo, porque o homem mudou <até o VISUAL> dele” (linhas 119-120). O vetor econômico, então, afeta a hierarquização dos corpos e das identidades, uma vez que redistribuição de renda e identidade precisam andar juntas tanto para o empoderamento de minorias, quanto para a moralização de seus corpos para existências dignas. Classe, então, não é uma propriedade dos indivíduos, mas algo que se *faz*, que se constitui e que se reflete em atos e corpos, produzindo um efeito pragmático de uma mistura de recursos semióticos (entonação, prolongamentos, pausas) usados localmente no *aqui e agora* (NOGUEIRA, 2018).

Desse modo, observa-se um envolvimento e engajamento entre os participantes no que compartilham moralmente como algo importante para o Outro – no caso, sua saúde e condição social, a partir de uma forte dramatização indiciada por sequências de ações dramáticas trazidas por Thatiana em narrativa argumentativa. Ao contar a história de Adomar, a participante socializa a experiência individual, que é generalizada por seu parceiro

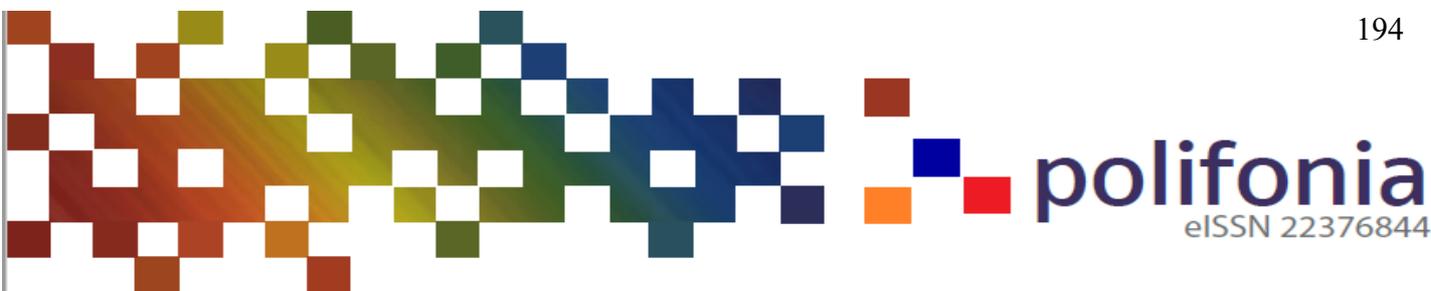


interacional (“O Luiz, né, Thatá!? Todos eles são assim. Interessante, né!?”, linhas 115-116). O grupo, por seu turno, ao participar da narração por meio de avaliações coordenadas, estabelece similaridades nos julgamentos compartilhados, dimensionando um reconhecimento intersubjetivo e identitário que tem o condão de lhes conferir *identidade de grupo*.

Excerto 2: mas o câncer me livrou

021 022	Glória	já fui casada um dia (.), mas o câncer me livrou desse
023	Platéia	[@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@]
024 025 026 027	Glória	desse <u>c</u> âncer que era o meu casamento, né? As pessoas <u>v</u> itimam a gente. “>Nossa! Coitada! Teve câncer e separou, né?<” Mas vou falar pra vocês, °foi a melhor escolha°.
028	Platéia	[@@@@@]
029 030	Glória	não taria aqui se tivesse casada, né? Certeza. Ia tá lá lavando cueca.
031	Platéia	<u>A</u> @@@@@

032 033 034 035 036 037 038 039 040 041 042 043 044 045	Glória	Mas tá bom, tá ótimo. Quando eu resolvi colocar certas coisas nas redes sociais, começou com as foto. As foto a princípio seria alguma coisa pra mim e pra fotógrafa. (.) Apareceu o produtor e resolveu expor essas foto. A minhas fotos são, viraram uma exposição em Foz do Iguaçu, no Outubro Rosa obviamente, né? É na Itaipu Binacional (.) ficou um mês em dois mil e dezesseis, onde eu dei a minha primeira palestra, né? Então comigo assim tudo no susto e logo lá, né, mas enfim >foi muito bom<. É eu sentia, é, como eu fui rejeitada entre aspas (.) pelo meu ex-marido que tinha uma mente meio pequena, né, >porque se importar com seiscentos e dez grama que a mulher perdeu<, né, ((com a mão na direção do seio))
046	Platéia	[@@@@@
047 048	Glória	[é porque o sujeito não pensa, né, mas tudo bem, é algo a se superar
049	Platéia	[@@@@@
050 051 052 053 054 055 056 057 058 059 060 061 062 063 064 065 066	Glória	Eu era tão pouco e não sabia, né, poxa, pensa numa mulher desse tamanho todo aqui ((Glória sinaliza com a sua altura com a mão)), né, sem (.) <u>É</u> , mérito dele também, mente pequena, mas enfim, quando eu fiz as foto, todo mundo fala assim "Nossa! Você fez <u>pra</u> ajudar outras mulher." No primeiro, no início, não era pra ajudar ninguém, era pra me ajudar, pra mim se aceitá, né, pra mim conseguir me olhar diferente e gostar de mim >ainda daquele jeito<, (.) que não é fácil, quando você se olha a primeira vez, você, você fala: "Eu devia ter morrido naquela cirurgia, eu não devia tá aqui." Mas daí você olha pro teu, pra tua filha de três anos, pra tua filha de treze, pro outro de dezoito e pro outro de vinte e um e fala: "Não, eles merece ter a mãe que eles têm e a mãe vai ficar aqui", né, pra mostrar que tem que <u>lutar</u> . Essa vida não é <u>boa</u> , não é fácil, mas a gente consegue.



Com propósito de contextualizar o excerto 2, importa informar que Glória é uma mulher que teve câncer de mama e foi participante de uma pesquisa de doutorado cujo tema foi o protagonismo discursivo e social de mulheres com câncer de mama em redes sociais, e cuja defesa de tese aconteceu em abril de 2018. Cabe também frisar que uma das autoras do artigo é a pesquisadora em processo de obtenção do título de doutoramento referenciada na seção de Posicionamento epistêmico e metodologia, cuja banca de defesa é o contexto institucional da interação. Desse modo, a referida autora é também pesquisadora *insider* do contexto analisado. Esse detalhamento se faz relevante pois, no que tange ao objeto *corpo*, a fala de Glória remonta à narrativa de experiência pessoal que traz à baila a reconfiguração de seu corpo em decorrência do procedimento da mastectomia (AMARAL, 2018).

Ao focarmos na narrativa sobre as fotos, que Glória compartilha entre as linhas 032 - 066, é possível dimensionar através de seu discurso a importância conferida aos contornos físico-anatômicos e a performances contínuas de reivindicação identitária de pessoa com câncer que continua bela (BONFIM, 2016, p. 17), materializadas por meio da estrutura linguística “Eu era tão pouco e não sabia, né, poxa, pensa numa mulher desse tamanho todo aqui” (linhas 050 - 051) e do diálogo reportado “Nossa! Você fez pra ajudar outras mulher.” (linhas 045 - 055), possivelmente trazido à baila no intuito de dar ainda mais veracidade ao que está sendo contado, de forma a envolver sua platéia (GOFFMAN, [1959] 2013).

Se levarmos em consideração que Glória interrompe a narrativa da projeção social que tiveram suas fotos para tecer um comentário sobre a rejeição de seu ex-marido após o procedimento da mastectomia, é possível compreendermos “microscopicamente” (PINTO; FABRÍCIO, 2013) os processos de produção de coerência e de significação do corpo enquanto uma construção social. Glória contesta essa significação que a sociedade atribui ao corpo feminino, especificamente, à mama, “>porque se importar com seiscentos e dez grama que a mulher perdeu<” (linhas 044 - 045), e que é partilhada por seu ex-marido, “como eu fui rejeitada entre aspas (.)pelo meu ex-marido” (linhas 042 - 043) que a preteriu após passar pelo procedimento da retirada da mama esquerda. De acordo com Glória, o ex-marido não considerou seus demais atributos, apenas os de ordem física,



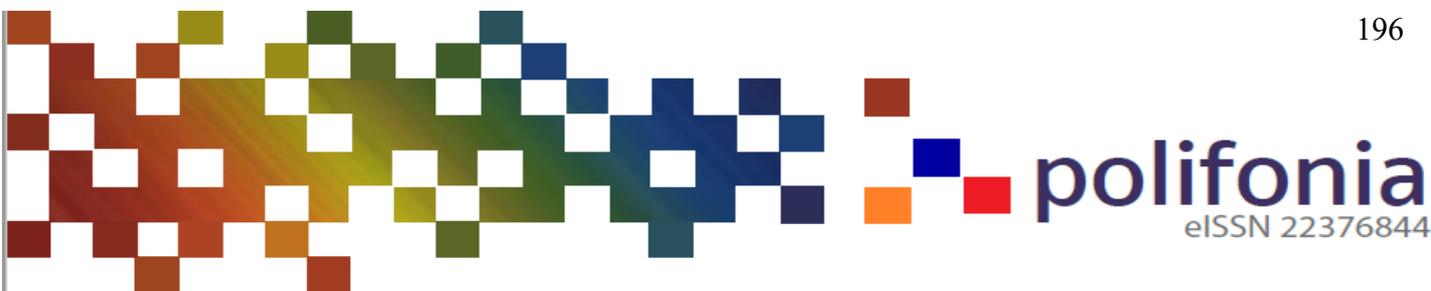
como vemos através de sua avaliação “Eu era tão pouco e não sabia, né, poxa” (linhas 050 - 051).

Ao refutar o fato de que junto a sua mutilação somou-se a sua desvalorização enquanto mulher em tratamento de câncer de mama, a contestação presente na narrativa de Glória opera como decisiva “para uma vida social mais justa e ética” (MOITA LOPES, 2013, p. 233). Se recuperarmos a metáfora da viagem cliffordiana, através da qual a autora defende que as mudanças da viagem “podem afetar corpos e identidades em dimensões aparentemente definidas e decididas desde o nascimento (ou até antes dele)” (LOURO, 2018, p. 15), é possível percebermos que o discurso de Glória faz coro com tal reflexão. Nesse sentido, a participante passa a questionar a incompreensão de seu ex-marido face às transformações físicas que passaram a compor seu corpo desviante ao longo da “viagem”. Seu discurso, desta forma, representa uma manifestação de microrresistência no enfrentamento das coações socialmente impostas.

Nesse ponto da discussão, vale destacar que, essa opressão posta socialmente tem tanta influência que, mesmo Glória, em primeira instância, teve dificuldades para lidar com seu corpo desviante: “quando você se olha a primeira vez, você, você fala: “Eu devia ter morrido naquela cirurgia, eu não devia tá aqui.”” (linhas 059 - 061). De acordo com suas avaliações, “não é fácil” (linhas 058 - 059) e “mas a gente consegue” (linha 066), a respeito de sua nova condição física, podemos observar uma performance identitária de mulher com câncer que supera as adversidades impostas pela doença, assim como a rejeição da sociedade. Na resolução da narrativa, Glória se constrói ainda como uma mulher guerreira, como vemos em “a mãe vai ficar aqui, né, pra mostrar que tem que lutar.” (linhas 064 - 065), que seguirá sua “viagem” no enfrentamento de sua doença e de qualquer outro contradiscurso de ordem macrossocial (AMARAL, 2018).

Para não finalizar...

Observar contextos e situações comunicativas variadas em que corpos desviantes e práticas de exclusões e de microrresistências são tornadas relevantes significa visibilizar e



centralizar práticas discursivo-identitárias por vezes periferizadas. Pôde-se notar com este estudo uma profunda fecundidade na abordagem performática das narrativas e das identidades em múltiplos contextos, abordagem essa que potencializou a compreensão dos modos de ser e de estar na vida social, bem como o entendimento da realidade social em práticas discursivas socialmente situadas.

A fecundidade deste tipo de abordagem tornou possível relacionar neste trabalho contextos e situações comunicativas diversas: desde falas menos institucionalizadas, como um almoço entre colegas de trabalho, a contextos notoriamente institucionais, como uma narrativa durante um evento acadêmico. A relação, portanto, que se observa entre a conversa entre os advogados e a exposição da mulher paciente de mastectomia se dá pela construção narrativo-interacional de corpos resistentes e re-existent em horizontes múltiplos.

Seja pelo viés da dignidade moral ou pela manutenção de atributos físicos característicos da feminilidade, enquanto uma construção social que emerge e se (re)produz em performances identitário-discursivas, os corpos (desviantes) se revelam alvo de um constante embate e problematização social.

Referências

AMARAL, R. M. De lagarta a borboleta: Protagonismo de mulheres com câncer de mama em redes sociais. 2018. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Rio de Janeiro. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2018.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ações*. Porto Alegre: Artes Médicas, [1962] 1990.

BASTOS, L. C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. In: *Calidoscópico*, vol. 3, n. 2, p. 74-87, mai/ago 2005.

BASTOS, L. C.; BIAR, L. A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *D.E.L.T.A.*, 31-especial, 2015, pp. 97-126.

BLOMMAERT, J. *The sociolinguistics of globalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BONFIM, Marco Antonio Lima do. Linguagem e identidade: o lugar do corpo nas Práticas identitárias raciais. *Linguagem em foco – Revista do Programa de Pós-Graduação em*



Linguística Aplicada da UECE. V. 8, Volume Temático: Linguagem e Raça: diálogos possíveis, N. 2, 2016.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1990] 2015.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GOFFMAN, E. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B. T; GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, [1964]2002. pp.13-20.

_____. A representação do eu na vida cotidiana. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, [1959] 2013.

GUIMARÃES, M. O. A construção performativa do gênero e da sexualidade nas práticas discursivas de uma lan house. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV, W. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

LABOV, W. & WALETZKY, J. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (Org.). *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967.

LIVIA, Ana; HALL, Kira. “É uma menina!”: a volta da performatividade à Linguística. In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. *Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos*. (Orgs.) São Paulo, Parábola Editorial, [1997] 2010. P. 109-127.

LODER, L. L.; JUNG, N. M. (Org.). *Análises de fala-em-interação institucional: a perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MATTOS, R. *Expansão urbana, segregação e violência: um estudo sobre a Região Metropolitana da Grande Vitória*. Vitória: Edufes, 2013.

MOITA LOPES, L. P. Gênero, sexualidade, raça em contextos de letramentos escolares. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Linguística Aplicada na modernidade recente*. São Paulo: Parábola, 2013. pp.227-247.

NOGUEIRA, M. O. Narrativas, prática profissional e ética social: negociação e coconstrução de identidades. 2018. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Rio de Janeiro. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2018.

OCHS, E.; CAPPS, L. *Living Narrative: Creating Lives in Everyday Storytelling*. Harvard: Harvard University Press, 2001.

OLIVEIRA, L. M.; BASTOS, L. C. A performance narrativa de mulheres com afasia. *Veredas On-Line*. 2015/2 - p. 269-291.

OSTERMANN, A. C. Análise da conversa: o estudo da fala-em-interação. *In: OSTERMANN, A. C.; MENEGHEL, A. N. (Orgs.) Humanização, gênero, poder: contribuições dos estudos de fala-em-interação para a atenção à saúde*. Campinas: Mercado das Letras, 2012. pp.33-43.

PENNYCOOK, A. Continuidade e mudança nas visões de sociedade na Linguística Aplicada. *In: MOITA LOPES, L.P. (Org.) Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

PINTO, J. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. *DELTA*, São Paulo, vol. 23, n. 1, 2007. pp.01-26.

PINTO, Joana Plaza; FABRÍCIO, Branca Falabella. *Exclusão e microrresistências: a centralidade das práticas discursivo-identitárias*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2013.

SACKS, H. *Lectures on conversation*. Oxford: Blackwell Publishers, vol. 1 e 2. 1992.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E., JEFERSON, G. A Simplest Systematic for the Organization of Turn-Taking for Conversation. *Language*, 50, 696-735, 1974.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 16. ed. Porto: B. Sousa Santos e Edições Afrontamento, 2010.

SPARGO, T. *Foucault y la teoría queer*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2004.

ZUCCHI, M. A. *Outro corpo: inconsciente, sintoma e a clínica do corpo*. Petrópolis: KBR, 2015.